

PARA A HISTÓRIA DA COLÓNIA ALEMÃ EM PORTUGAL NO SÉCULO XVI

Alguns processos na Inquisição de Lisboa

por
JOÃO JOSÉ ALVES DIAS *

Ao porto de Lisboa, no século XVI, chegavam dezenas de embarcações por dia. Um vinham apenas mercenciar; outras, para além disso, traziam aventureiros, artífices e comerciantes que por lá ficavam, na esperança de enriquecerem. A grande maioria desta gente, contudo, agrupava-se em colónias, mais ou menos apartadas do quotidiano local. É que aí, pela similitude dos costumes e da língua, era-lhe mais fácil conviver e adaptar-se a um país estranho.

O homem transporta sempre consigo uma religiosidade e uma maneira de pensar própria que, por vezes, entram em ruptura com a do país acolhedor. Assim acontecia com muitos dos estrangeiros que aportavam a Lisboa. Educados numa Europa que era palco de guerras e de conquista por novas correntes religiosas, habituados a outras práticas de culto, muitos deles sentiram dificuldades de se adaptar a esse novo país, onde só uma religião era verdadeira, aceite e praticada oficialmente. E, devido a essa intolerância religiosa, alguns elementos da colónia alemã, radicada na capital do Reino, encontravam problemas na sua adaptação a Portugal. É sobre alguns desses alemães, denunciados à Inquisição de Lisboa, durante o século XVI, que trata o presente artigo.

Antes de mais é conveniente situar-se o espaço de origem, em estudo, dos sentenciados e denunciados. Não se trata de todos os

* Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

súbditos do Imperador, mas somente dos alemães propriamente ditos, ficando, assim, de fora os naturais dos Países Baixos, da Hungria, da Boémia e da Polónia.

Ao que parece, o primeiro foi um certo Ottmar, lapidário ou ourives, morador em Lisboa, denunciado a 1 de Abril de 1541, pelo padre Sebastião Rodrigues. Soubera este, havia já dez anos, por um outro súbdito do Império, Albert Lieber, ausente em parte incerta, que Ottmar era casado com uma ex-freira professa, «a qual freira o proprio frei martinho luter tirara do mosteiro»¹. Haveria, pois, pelo menos dez anos, que esse casal de Luteranos vivia em Lisboa. O sacerdote só o denunciou, porque, havia poucos dias, se cruzara com ele na rua.

Esse casamento, ou outro semelhante, ficou na memória do colectivo da população de Lisboa. Em 1549, foi a vez de Maria de Andrade denunciar à Inquisição que a sua vizinha, Isabel Vasques, casada, por sua vez, com um lapidário estrangeiro, lhe contara «que nesta cydade estava hũa mulher freyra profesa que ho luthero tirara do mosteiro»². Porém, agora, apresentava-a casada com um António Bispo. Sabia mais que «esta molher [...] vivera algũus tempos em esta cydade e porque quiserão emtemder com ella se fora fora da cydade e depojs se tornara»². Tratar-se-ia de facto de um segundo casamento de ex-freiras, ou seria antes uma história ouvida no passado, ou narrada no púlpito contra o protestantismo, que se ia adaptando a pessoas com mau nome ou fama de mau cristão?

Acontece que o mesmo António Bispo, ou outro com o mesmo nome (possivelmente um aportuguesamento do apelido Bischof)³ já fora denunciado em 1543, não por ser casado ou solteiro, mas por constituir um mau exemplo para a comunidade católica portuguesa. Na verdade, ao que parece, António Bispo era o primero denunciado

¹ Lisboa, Arquivos Nacionais / Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, livro n.º 52, livro 1.º de Denúncias, fl. 119. Resumido por António Baião, «A Inquisição em Portugal e no Brazil, Livro I, A Inquisição no seculo XVI» in *Archivo Historico Portuguez*, vol. VI, 1908, p. 99. Veja-se também: Paul Wilhelm Gennrich, *Evangelium und Deuschtum in Portugal, Geschichte der Deutschen Evangelischen Gemeinde in Lissabon*, Berlin-Leipzig, Verlag Walter de Gruyer & Cº, 1936, p. 17.

² A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, livro 2.º de Denúncias, fl. 136.

³ Paul Wilhelme Gennrich, *Evangelium und Deuschtum in Portugal*, p. 17.

por práticas de luteranismo, embora de sentido duvidoso⁴. Tratava-se do «Condestável» dos Bombardeiros, conhecido pelo seu desrespeito dentro das igrejas e durante as prédicas religiosas. Foi, por isso, denunciado, a 17 e a 29 de Maio de 1543, por Lucas Álvares⁵, sapaiteiro, e pelo beneficiado da igreja de São Julião, Diogo Gonçalves⁶. Entre as suas culpas contava-se o nunca se colocar de joelhos aquando da consagração da hóstia e, pelo contrário, levantar-se e passear pela igreja, roçando-se nos fiéis ajoelhados, sentar-se a um canto da capela dos Alemães, em ângulo que não lhe permitia observar a elevação, cruzando a perna; e entrar na igreja sem tirar o barrete⁷. O padre Diogo Gonçalo, como beneficiado da igreja onde se situava a capela da colónia alemã, pôde ir mais longe na sua denúncia. Servia, como sacerdote, havia trinta anos. Quando iniciou as suas funções na igreja de São Julião, a capela germânica tinha dois clérigos próprios, um capelão e um tesoureiro da Confraria. Ambos diziam missa, separadamente, todos os dias. Isto pôde ele observar durante cerca de doze anos. Depois, a capela passou a ter um único capelão, que desempenhava as funções de tesoureiro, com uma só missa diária. Nos últimos anos, especialmente desde a chegada de António Bispo, «mayoral» da confraria, só se ouvia missa na capela uma ou duas vezes por semana, embora mantendo-se sempre a cerimónia dominical. As missas solenes, cantadas, em dias de certos santos, acabaram de vez⁸.

A Inquisição, porém, não se preocupou, aparentemente, com estas denúncias. Não chegaram até hoje, ou ainda não se encontraram, processos para estes primeiros anos de actuação do Santo Ofício em Portugal, embora as denúncias continuassem a chegar à sua Mesa.

⁴ José Sebastião da Silva Dias, *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal (séculos XVI a XVIII)*, Coimbra, Universidade, 1960, p. 215.

⁵ A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, livro n.º 53, fl. 3.

⁶ A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, livro n.º 53, fl. 7.

⁷ Cf. notas 5 e 6; António Baião, «A Inquisição em Portugal e no Brasil [...]», *A.H.P.*, vol. VI, pp. 169-170; Paul Wilhelm Gennrich, *Evangelium und Deutschtum in Portugal*, p. 17.

⁸ A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, livro n.º 53, fl. 8.

Indiquem-se as seguintes denúncias que não deram origem a processo:

- 1543, Maio, 16 — denúncia apresentada por Lucas Álvares contra todos os bombardeiros alemães (excepto Rodrigo de Holanda), por desrespeito às práticas religiosas católicas (A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, livro n.º 53, fl. 3);
- 1543, Maio, 29 — denúncia apresentada por Diogo Gonçalves contra Tidmann, por idêntico motivo (A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, Livro n.º 53. fl. 7-7 v);
- 1543, Maio, 30 — denúncia apresentada por Pedro Pires, holandês, contra Tidmann, por contratar barcos para a saída clandestina de gente de Portugal. As pessoas iam fechadas em pipas até ao mar alto e, depois, libertadas (A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, livro n.º 53, fl. 8);
- 1545, Setembro, 26 — denúncia apresentada por Sebastião Daça, flamengo, contra Ruberte, tecelão, por comer carne na quaresma e cometer outras práticas de luteranismo (A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, livro n.º 53, fl. 74-75);
- 1545, Outubro, 8 — denúncia de Pedro, ourives de ouro, francês, contra Guilherme, mercador alemão, por comer carne de vaca ao Sábado (A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, livro n.º 703, fl. 11);
- 1551, Julho, 29 — denúncia de Roberto de Laporte, flamengo, contra o mercador Luís Tima, por ter sido sacerdote, com ordens, na Alemanha, e agora estar casado (A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, livro n.º 54, fl. 57);
- 1551, Agosto, 3 — Tidmann, alemão, confirma ser público que Luís Tima era um ex-frade, casado (A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, livro n.º 54, fl. 61 v);
- 1555, Dezembro, 23 — denúncia de Beatriz Vaz contra a mulher do mercador alemão João Venista, Madalena Vernes, flamenga, por doutrinação luterana (A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, livro n.º 55, fl. 79v-80).

Todas estas denúncias foram resumidas por António Baião, «A Inquisição em Portugal e no Brasil [...]», *Arquivo Histórico Portuguez*, vol. VI (p. 169, 170, 178, 473) e vol. VII (p. 7, 442).

Na segunda metade do século XVI, a Inquisição de Lisboa conseguiu a abjuração, pelo menos teórica, de seis alemães no mínimo. Três caíram nas teias do Santo Ofício, sendo presos, por denúncia; um foi auto-denunciar-se, com medo de que um seu conterrâneo cumprisse a ameaça de o delatar; os outros dois foram confessar-se, aparentemente de livre vontade, com o propósito de se libertarem do «pecado».

Pecado, esse, que era comum a todos e que se resumia na crença e na prática de preceitos defendidos e pregados por Lutero e seus discípulos.

Conhecem-se os seguintes processos, a acrescentar às denúncias já indicadas:

- De Ulrich Schön, registado na inquisição sob a denominação de Ulrique ou Huldryque Pulcher e Bulcher, em mau aportuguesamento de um nome já de si latinizado⁹. Tratava-se do jovem de 27 anos, ourives de ouro, natural de Munique, que morava em Lisboa havia três anos e aqui casara com uma portuguesa. Foi denunciado por um flamengo, em 1558¹⁰.
- De Hans Kock, de 28 anos, natural de Lüneburg, mercador de sal, que chegara havia pouco tempo a Lisboa, de onde ia comprar sal a Setúbal. Foi denunciado por um antigo companheiro de viagem o francês Gaspar Trichel, em 1559¹¹.
- Do Mestre Jakob Hant (?), de 32 anos, cirurgião, natural de Dantzig. Seguiu em comércio até Portugal, gostara da terra e instalara-se definitivamente nela, havia dois anos, com todo o seu negócio. Aqui, casara com uma portuguesa chamada Isabel Godinho. Fora educado na doutrina católica; porém, acompanhou a conversão de seus pais ao protestantismo. Levou consigo um livro proibido, em flamengo, que tentou vender na casa onde estivera hospedado antes de casar. Fora ameaçado de que, por isso, seria denunciado e, antes que tal acontecesse, correu à Inquisição, a fim de pedir «perdão e misericórdia». Estava-se no ano de 1562¹².
- De Konrad Bremern, de 22 anos, natural de cidade não identificada, latinizada em Humbria. Chegara havia dois meses a Lisboa, não indicando o motivo, e apresentou-se voluntariamente, na Inquisição, em 1570, por desejar «libertar-se» do Luteranismo¹³.
- De Michael Hemmerl, de 25 anos, soldado da bandeira de um tal conde Nicolau, arregimentado em Setúbal, e natural de Amberg. Foi denunciado pela família do alfaiate João Serrão, em 1582¹⁴.

⁹ Paul Wilhelm Gennrich, *Evangelium und Deutschtum in Portugal*, p. 19.

¹⁰ A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, processo n.º 6076.

¹¹ A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, processo n.º 10369.

¹² A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, processo n.º 5272. Referido por José Sebastião da Silva Dias, *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal (séculos XVI a XVIII)*, Tomo I, vol. 2, p. 534.

¹³ A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, processo n.º 10873.

¹⁴ A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, processo n.º 2869.

- De Gerhardus Berchmeyer, de 22 anos, músico, natural de Stralsund, que se apresentou voluntariamente, a fim de obter a «salvação», em 1593¹⁵.

Eram, portanto, todos adultos jovens, com idades compreendidas entre os 22 e os 32 anos. E, embora tivessem todos ido à aventura até Lisboa, exerciam profissões bastante variadas: ourives do ouro; comerciantes e um mercador de sal (este desviado da sua rota habitual entre a Alemanha e La Rochelle, na expectativa de enriquecer mais depressa); um cirurgião que deixara a sua terra natal para se dedicar ao comércio e conhecer o mundo e que se encantou com as terras portuguesas, voltando a Danzig para transportar consigo todos os seus bens; bombardeiros e soldados (um dos quais se alistara sob a bandeira de um tal conde Nicolau, possivelmente participando na ocupação espanhola de Portugal, mas que servira como criado, em casa de um taberneiro, também alemão e soldado, morador em Setúbal); e um músico que, depois de andar pela Holanda, foi morar para Lisboa. Se alguns partiram de cidades marítimas e com longa tradição de relações com Portugal, como Danzig e Stralsund¹⁶, outros saíram do interior, como Munique. Contudo, nenhum chegou a Lisboa, numa primeira fase, directamente da Alemanha. Ulrich Schön e Hans Kock haviam sido aventureiros por toda a Europa. O primeiro aprendera o seu ofício, de ourives do ouro, em Augsburg, durante nove anos, daí partira para Antuérpia, onde não arranjou emprego. Andou depois pela Inglaterra, morando durante seis meses em Londres, mas a sorte também não o favoreceu. Voltou a Antuérpia de onde seguiu então para Lisboa. Também Hans Kock andara pela Inglaterra e por França (La Rochelle) antes de chegar a Lisboa. Konrad Bremern foi outro dos alemães que se aventurou até Antuérpia, de onde partira para Portugal. Já Gerhardus Berchmeyer seguira de Stralsund para Lübeck, daí para a Holanda e só depois fora parar a Lisboa. Toda a zona da Flandres e Países Baixos serviu, quase sempre, de eixo para estes aventureiros. Era uma zona em contacto constante com Portugal,

¹⁵ A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, processo n.º 2950.

¹⁶ Veja-se A. H. de Oliveira Marques, *Hansa e Portugal na Idade Média*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Presença, 1993.

devido ao grande comércio motivado pelos descobrimentos, embora com uma grande tradição anterior.

Curioso é ainda notar que os primeiros denunciados à Inquisição eram Luteranos conversos. Tinham sido baptizados e educados no catolicismo tradicional, mas depressa se deixaram impregnar pelas novas correntes religiosas, triunfantes nas suas terras. Correntes religiosas, essas, que colocavam em pé os cabelos dos inquisidores de Lisboa. Não só não aceitavam os Santos, nem a autoridade papal, como duvidavam da consagração da hóstia e não praticavam a confissão junto de um sacerdote. Defendiam que as leis feitas pelos homens para a Igreja não tinham qualquer valor, rejeitando as indulgências pagas, as quais para nada serviam pois nem sequer havia purgatório. Não admira, por isso, que fossem sentenciados. Com excepção dos dois jovens voluntários, todos os outros tiveram de «abjurar em forma», saindo nos autos de fé com hábito penitenciário e, sendo condenados, a prisão perpétua. Mas tratava-se, aparentemente, de uma fórmula e não de uma prática. Porque de imediato, pediram a substituição da pena por residência fixa e, ao fim de três anos, se fossem bons praticantes da religião católica, mediante atestado passado pelo sacerdote encarregado da sua educação, obtinham autorização para abandonar o país e partir para a sua terra natal.

Não deixa de ser curioso o facto de, aparentemente, só um falar, ou melhor, arranhar o português. A língua corrente era o flamengo, sendo quase sempre o sacerdote da colónia alemã desta origem. Todos eles foram prestar declarações acompanhados por um tradutor. Na sua falta era um preso¹⁷, entendendo as duas línguas, que fazia de intérprete. Aliás quando as denúncias se referiam a palavras ou ditos pronunciados pelos alemães, são acompanhados da expressão «que estas cousas dezia [...] em sua lyngoa que não entendia ninguém»¹⁸. O francês Gaspar Tricher, que denunciou Hans Kock, por

¹⁷ «E por elle Nom saber falar Nosa Lyngoa portuguesa foy chamado Joam bet flamengo preso em este carcere pera ser Jnterpete e declarar o que elle disese por emtender sua lyngoa», A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, processo n.º 10369; «e esteue por Jnterpete a tudo Jsto por nom saber sem entender portugues hans vam muster alemão», A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, processo n.º 5272, fl. 5v.

¹⁸ A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, livro n.º 53, fl. 75.

comer carne durante a quaresma, tanto em La Rochelle como durante a viagem para Portugal, informou que o mesmo lhe dissera, em latim, que isso não era pecado. Já porém, Silvestre Franco, que os acompanhava na viagem e com eles comia a mesma carne, «dava a entender [...] que não era pecado comella damdo com a mão por não emtemder frances, nem espanhol»¹⁹. Mesmo no quotidiano, durante o trabalho e o divertimento, o seu falar era em alemão ou flamengo.

Hans von Muster, flamengo, ourives do ouro, denunciou o seu companheiro de ofício, o nosso já conhecido Ulrich Schön, porque um dia estando ele, denunciante, a cantar uma cantiga alemã que diz «Ajudemos todos a carlos quymto, a defemder a ffe, asy como aJudaram a defemder nossos amtepassados» o dito Ulrich começara a cantar, também em alemão, uma outra cantiga que diz «Estamos lyures do papa matado; de nossa alma»²⁰. O soldado Michael falava contudo um linguajar acompanhado de gestos; Beatriz Rodrigues ficara «agastada e escandalizada» com ele, porque ao colocar duas candeias junto das imagens de Santo António e São Francisco, o moço fizera figas para os santos e para ela, dizendo «toma, toma» e, apontando para os santos, dizia que eles eram «becos fututos». Quando o inquisidor perguntou o que é que o denunciante entendia com essa expressão, o alfaiate João Serrão respondeu que interpretava isso como querendo dizer «cornudos», porque, «segundo ouue entre elles praticar [...] asy se chamão elles algũas vezes huns aos outros quando peleyados». Porém, o criado do alfaiate utilizando uma linguagem bem mais popular, interpretava a expressão como querendo dizer «filhos das putas ou cornudos»²¹.

Mas, à margem destes denunciados e penitenciados, havia muitos outros alemães, uns crentes por natureza outros por obrigação. Ulrich Schön confessou, na Inquisição que, desde que viera para Portugal, passara a confessar-se e a comungar, «porem que nunca lhe confesou que era lutherano com medo». Contudo, desde que estava em Lisboa, ia ouvir as pregações, embora não entendesse a linguagem, e «andaua asy nem bem luterano nem bem catolico»²². Mestre Jakob declarou

¹⁹ A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, processo n.º 4335.

²⁰ A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, processo n.º 6076, fl. 2v.

²¹ A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, processo n.º 2869, fls. 4 e 5v.

²² A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, processo n.º 6076, fl. 4v.

também, na sua confissão que, embora fosse Luterano, «esta coesma pasada se confessou com hũu padre flamengo que era capelão da capella de são bertolameu que estaa na Jgreja de sam gião, homem velho, o qual se foj pera Lamego e elle contou todo o seu proposyto e como querya viuer nesta cidade [...] o absolueo e lhe deu [...] hũ escryto pera o cura dos martes lhe minjstrar o sacramento, como de feyto o Recebeu como muito boom christão, e por lhe parecer que bastaua aquyllo com tirar os erros que crera de seu coração nam veyo a esta casa»²³. Mas, apesar deste terror constante, a cidade estava cheia de estrangeiros que aqui viviam, casavam e, por vezes, eram felizes.

²³ A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, processo n.º 5272, fls. 4 e 4v.